

# ADICO, 1920-1942. CRIAÇÃO DE UMA MARCA DE MOBILIÁRIO METÁLICO

MANUEL FERREIRA RODRIGUES\*

**Resumo:** *Partindo da investigação realizada no quadro de uma história da ADICO, fundada em 1920, neste texto procuro mostrar como, entre a fundação da empresa em nome individual e a sua transformação numa sociedade por quotas, em 1942, o seu fundador construiu a marca ADICO, num tempo em que o marketing de produto dava os primeiros passos em Portugal, e o mercado português ainda não tinha necessidade de marcas no mobiliário metálico. Independentemente da diversidade de definições de uma marca, é possível afirmar que, nos anos de 1930, a marca ADICO, em construção, era associada a «simplicidade, higiene, bom gosto, solidez e barateza», com um nível de qualidade médio. Na década seguinte, a enorme diversificação do produto — durante a Segunda Guerra Mundial fabricava 454 produtos diferentes — permitiu-lhe iniciar a consolidação da marca com outros atributos dos seus produtos: «utilidade que, aliada à elegância e estilo moderno, os torna atraentes e cativantes». Hoje, a ADICO posiciona-se num segmento médio alto em que o design desempenha um papel fundamental.*

**Palavras-chave:** ADICO; mobiliário metálico; patentes; publicidade.

**Abstract:** *Starting from research carried out in the framework of a history of ADICO, founded in 1920, in this text I try to show how, between the foundation of the company as an individual name and its transformation into a limited company in 1942, its founder built the ADICO brand, at a time when product marketing was taking its first steps in Portugal, and the Portuguese market did not yet need brands in metal furniture. Regardless of the diversity of definitions of a brand, it is possible to state that, in the 1930s, the ADICO brand in construction was associated with «simplicity, hygiene, good taste, solidity and cheapness», with an average level of quality. In the following decade, the enormous diversification of the product — during the Second World War, it manufactured 454 different products — allowed it to start consolidating the brand with other attributes of its products: «utility that, combined with elegance and modern style, makes them attractive and captivating». Today, ADICO is positioned in a medium-high segment where design plays a fundamental role.*

**Keywords:** ADICO; metal furniture; patents; advertising.

## 1. INDUSTRIALIZAÇÃO NUM ESPAÇO RURAL

ADICO é o acrónimo de Adelino Dias Costa (1892-1976), o serralheiro que estabeleceu, no início dos anos de 1920, uma fábrica de mobiliário metálico, em Avanca, a sua terra natal. Situada a cerca de 30 km a norte de Aveiro, a 50 km a sul da cidade do Porto e a 7-8 km a norte da Estarreja, pela Estrada Nacional 109, Avanca é igualmente atravessada pela Linha do Norte. O seu apeadeiro, inaugurado em 1887, fica entre as estações ferroviárias de Estarreja, a sul, e Válega, a norte<sup>1</sup>.

---

\* Universidade de Aveiro.

<sup>1</sup> CARDOSO, 1961: 155.

Em 1961, Carlos Cardoso escreveu: «Avanca foi, até há cerca de quatro décadas, uma povoação onde a principal atividade económica era a agricultura»<sup>2</sup>. Predominava a pequena exploração agrícola familiar. Em 1946, na matriz predial do concelho de Estarreja estariam registados «601.911 pequenos prédios do domínio particular, ou seja, 494 courelas por quilómetro quadrado, a que corresponde a capitação de 5275 m<sup>2</sup> de terra de cultura por cada habitante»<sup>3</sup>. Foi neste espaço que Adelino Dias Costa decidiu instalar a sua serralharia, após alguns anos de trabalho especializado em Lisboa e de aí ter fundado a sua empresa em nome individual. Ainda hoje, as instalações fabris da ADICO situam-se numa paisagem que, não obstante as profundas alterações registadas, especialmente desde os anos de 1960, mantém certas características das paisagens «rurais». Ainda são visíveis algumas das funções de um qualquer espaço rural num quadro de «rurbanização»<sup>4</sup>.

À entrada do século XX, o grosso dos rendimentos da população de Avanca provinha da exploração da terra. A análise dos 373 casamentos registados na paróquia de Avanca, nos 20 anos de 1891 a 1910<sup>5</sup>, não nos deixa quaisquer dúvidas. Entre as nubentes, havia 193 «lavradoras», 6 «agricultoras», 59 «jornaleiras» e 1 «serviçal», que tanto podia ser uma «criada», do mesmo modo que haveria «criadas» a trabalhar na agricultura. Ao todo, eram 259 (ou 285) mulheres, isto é, cerca de dois terços (69,4% ou 76%) do total das nubentes do período considerado. Eram elas que em maior número cuidavam dos campos. Assim se explicará que apenas 23 nubentes tenham sido identificadas como «domésticas», a que poderemos acrescentar mais 3 sem qualquer indicação nesses assentos de casamento. Entre os homens, contam-se 186 «lavradores», 5 «agricultores» — historicamente, «o vocábulo mais correntemente utilizado para designar os que se dedicavam à atividade agrícola foi lavrador e não agricultor»<sup>6</sup> —, 54 «jornaleiros», 9 «trabalhadores» e 1 «serviçal», o que perfaz 255 indivíduos, ou seja, 68,4% do total.

Naturalmente, havia igualmente um variado, mas reduzido número de outras profissões que oscilavam entre o setor primário e o setor secundário, assegurando a vida em comunidade. As nubentes que não tinham a agricultura como atividade principal eram, na sua esmagadora maioria, costureiras (37), mas havia também 1 «alfaiata», 3 teceadeiras e 5 moleiras. Entre os homens, a diversidade das profissões do setor secundário era maior: 21 «carpinteiros», 9 «artistas», 7 moleiros, 7 sapateiros, 6 alfaiates, 4 barbeiros, 4 canasteiros, 3 ferreiros, 3 pedreiros, 2 serralheiros (um casado com uma «lavradora» e outro com uma «alfaiata»), 2 «empregados dos caminhos de ferro», 2 cantoneiros, 2 padeiros, 1 farinheiro, 1 canasteiro, 1 oleiro e 1 tanoeiro. Curiosamente, nestes dois decénios, não se casou nenhuma manteigueira ou manteigueiro, nem um qualquer telheiro, não obstante

<sup>2</sup> CARDOSO, 1961: 171.

<sup>3</sup> VALENTE, 2014: 141

<sup>4</sup> FERNANDES, 1992: 91

<sup>5</sup> ADAVR. *Fundo Paroquial*. Avanca, Casamentos, 1891-1910.

<sup>6</sup> MARTINS, 2002: 15.

haver notícia da existência de 12 fornos em meados do século XIX e produção familiar de manteiga<sup>7</sup>, o que parece mostrar que essas atividades não eram especializadas, que se faziam a par de outras, nomeadamente da lavoura.

Nos «serviços», a diversidade e o número, tanto de mulheres como de homens, era ainda menor. Nesses anos, casaram-se 31 criadas, 2 peixeiras, 2 negociantes, 1 comerciante e 1 «contratadeira». Entre os noivos, havia 18 criados de servir, 2 barqueiros, 2 cantoneiros, 2 soldados, 1 «contratador», 1 marinheiro e 1 farmacêutico.

O comércio contava, entre os casados nos anos considerados, apenas 1 «comerciante de porta aberta», 6 negociantes e 3 almocreves. O trabalho era sazonal, a especialização muito reduzida, o que explicará, também, as estreitas relações entre as gentes de Avanca e as das freguesias vizinhas, nomeadamente de Válega, como mostram os registos de casamento.

Os que tinham fortuna, prestígio social e colocavam os filhos a estudar em Coimbra, como os Abreu Freire e os Castro Corte Real, não eram numerosos: 15 «proprietários», 9 «proprietárias», 1 bacharel, 1 farmacêutico e 1 estudante, que casou com uma «proprietária». Sete dos não identificados seriam certamente «proprietários». Em 1916, o «Anuário Comercial de Portugal» já só indica 5 «proprietários», certamente os maiores: Agostinho Luís Valente Amador, Padre António Maria de Pinho, Domingos Hespanha Marques Rosendo, José Maria de Abreu Freire e o Dr. Egas Moniz<sup>8</sup>. Em 1920, essa pequena relação não contém o nome do primeiro. Constituíam a elite dos campos de Avanca.

O muito tímido processo industrializador, em Avanca, começou nos anos que medeiam as duas guerras mundiais. E a ADICO, inicialmente uma pequena oficina de serralharia de «móveis de ferro», tornou-se numa das primeiras empresas. Nesses anos, em Avanca, foi registado notarialmente, em Aveiro, um número muito reduzido de unidades industriais, na sua maioria com estatuto jurídico de sociedades em nome coletivo e dotadas de capitais diminutos. Do conjunto destaca-se, pela inovação dos seus produtos, como pelo volume de capitais envolvidos, a Sociedade de Produtos Lácteos, Lda. (1923), que viria a ser o berço da Nestlé em Portugal<sup>9</sup>.

A partir dos anos de 1920, «Avanca, aldeia nobre mas apagada aldeia, geograficamente bem situada, graças à iniciativa de alguns avancanenses, tornou-se a pouco e pouco uma zona particularmente industrial»<sup>10</sup>, como reconhecia o semanário «Notícias de Avanca» de 22 de novembro de 1973 «Avanca acompanhou o progresso, enveredando decididamente pelos caminhos da industrialização» e afirmou-se «graças aos produtos da sua indústria». No início dessa década, segundo a mesma fonte, Avanca, aos olhos dos seus líderes, não era mais uma «aldeia», mas «uma terra industrializada».

<sup>7</sup> RODRIGUES, 2010: 436.

<sup>8</sup> «Anuário Comercial de Portugal», 1916.

<sup>9</sup> RODRIGUES, 2010: 179-180.

<sup>10</sup> *Avanca e a indústria*, 22 nov. 1973: 22.

Esse «notável incremento industrial e comercial» conduziu à elevação de Avanca à categoria de vila, por *Decreto n.º 105/73*, de 14 de março<sup>11</sup>.

## 2. A INDÚSTRIA NO BRASÃO DE ARMAS DE AVANCA

Bom testemunho desse fenómeno é o brasão de armas de Avanca, publicado oficialmente em 1998<sup>12</sup>. O escudo de fundo azul contém, ao centro, um bastão de esculápio dourado, numa clara referência ao Nobel da Medicina de 1949, Egas Moniz (1874-1955), figura maior da história recente da freguesia. Possui uma bigorna à direita e um canado à esquerda. Ambos prateados. São representações simbólicas identitárias das atividades fundadoras dessa industrialização: a indústria metalomecânica, de que a ADICO é pioneira e expoente máximo, e a indústria de laticínios, de que a Nestlé é o testemunho mais inovador.

São hoje os principais traços da identidade da freguesia. O brasão de armas de Avanca não tem espigas, como acontece nos de Canelas, ou Salreu. Isto é, ao longo do século XX, a agricultura desapareceu do imaginário das elites locais.

## 3. ADELINO DIAS COSTA ENTRE A GRANDE GUERRA E A VIOLÊNCIA POLÍTICA EM LISBOA

Após o casamento, em 1912, Adelino Dias Costa partiu para a Figueira da Foz, onde permaneceu 15 meses em serviço militar. No fim desse tempo, terá pensado que «uma oficina a sério, em Avanca, no meio de toda uma população pobre, que tinha como único ganha-pão as terras que cultivava», era «a mais temerária de todas as iniciativas e a menos rendosa de todas as profissões»<sup>13</sup>. Decidiu partir para Lisboa, onde não faltavam oportunidades no mundo da serralharia. Em 1913, o jovem casal fixou residência na capital. Um mês depois, Adelino Dias Costa ingressou na importante Fábrica Portugal, da Companhia União Metalúrgica, onde foi iniciado na fabricação de mobiliário metálico, vindo a tornar-se «um dos grandes mestres e requestados operários de mobiliário metálico»<sup>14</sup>. Diz Correia de Azevedo que, mais tarde, por razões que omite ou não averiguou, já o jovem serralheiro se encontrava ao serviço da firma Silva & Silva, sita na Calçada de Santo André, à Graça, na atual freguesia de São Vicente. Todavia, no início da Grande Guerra, as suas ambições sofreram um rude golpe: foi novamente mobilizado. Desta vez seguiu para Alcobça. Ao fim de um ano, o jovem casal regressou a Lisboa, mas, entretanto, Adelino Dias Costa foi convidado a frequentar o Curso de Sargentos Milicianos em Artilharia 1, que concluiria no final de 1916<sup>15</sup>.

<sup>11</sup> PORTUGAL. Ministério do Interior. Direcção-Geral de Administração Política e Civil, 1973.

<sup>12</sup> HERALDRY OF THE WORLD, [2004].

<sup>13</sup> AZEVEDO, 1961: 12.

<sup>14</sup> AZEVEDO, 1961: 13.

<sup>15</sup> AZEVEDO, 1961: 14.

Em 27 de julho de 1917, nasceu o seu Benjamim, mas Dias Costa foi mobilizado pela terceira vez. Partiu para o Niassa, no norte de Moçambique, integrado na quarta e última expedição de uma «guerra que Portugal quis esquecer», onde «terão morrido mais soldados portugueses do que na Flandres»<sup>16</sup>. O sargento miliciano Adelino Dias Costa regressou adoentado a Portugal, em 1918, «ficando aquartelado em Évora, no 2.º Grupo de Artilharia da Montanha»<sup>17</sup>.

Mal abandonou a vida militar por vontade própria, regressou à serralharia da firma Silva & Silva. Em 1920, por razões que Correia de Azevedo também não esclareceu, Dias Costa abandonou essa empresa e estabeleceu-se em nome individual numa «acanhada oficina» de Lisboa. Contudo, a extraordinária instabilidade política, económica e social dos primeiros anos do pós-guerra forçaram-no a transferir a serralharia para a sua terra natal.

Como se sabe, a situação política, económica e financeira de Portugal, desses anos, foi marcada por uma extraordinária «violência política», um fenómeno a que Raul Brandão chamou «epilepsia da desordem»<sup>18</sup>. O «triénio trágico» de 1919-1921 teve o seu ponto alto na *Noite Sangrenta* de 19 de outubro de 1921. É-nos difícil imaginar, hoje, a instabilidade política e social desses anos do pós-guerra, tanto na Europa saída do Tratado de Versalhes, como em Portugal, especialmente após o assassinato de Sidónio Pais, em 14 de dezembro de 1918. De resto, por toda a Europa, ao armistício de 1918 seguiu-se uma «guerra civil intermitente»<sup>19</sup>.

Diversos estudos sobre este período destacam a instabilidade política, económica e social destes anos<sup>20</sup>. Em 1918-1919, foram nomeados 10 ministros das finanças, 9 em 1920, 7 em 1921, 5 em 1922 e 7 em 1923<sup>21</sup>. Entre as eleições legislativas de 1919 e 1922 tomaram posse 14 governos. Calcula-se que os bens de primeira necessidade, como refere Luís Farinha, «tenham aumentado, entre 1914 e 1920, em cerca de 565%»<sup>22</sup>, enquanto os salários «não terão crescido mais de 353%». Durante o triénio de 1919-1921, as lutas dos trabalhadores multiplicaram-se por «centenas de greves, algumas de uma dimensão ameaçadora para a estabilidade do regime republicano»<sup>23</sup>. Por outro lado, «aos atentados pessoais e numerosos atentados terroristas, ocorridos no decurso de greves ou isoladamente, respondia o governo com um brutal “terrorismo de Estado”»<sup>24</sup>.

<sup>16</sup> CARVALHO, 2015.

<sup>17</sup> AZEVEDO, 1961: 15.

<sup>18</sup> *Apud* MALTEZ, 2005: 275, 281.

<sup>19</sup> FARINHA, 2017: 255.

<sup>20</sup> AMARAL, 2011: 279-280.

<sup>21</sup> LOPES, 2005: 269.

<sup>22</sup> FARINHA, 2017: 256.

<sup>23</sup> FARINHA, 2017: 256.

<sup>24</sup> FARINHA, 2017: 256.

Ora, se comparada com Lisboa, Avanca era um paraíso. Foram certamente os diversos episódios trágicos do suicídio faseado da Primeira República que afastaram Adelino Dias Costa da capital. A mão de obra de Avanca era analfabeta, é verdade — viu-se obrigado, com muito custo, a promover a sua alfabetização e formação profissional —, mas era mais barata e submissa. Como salientam os testemunhos orais de alguns dos mais antigos trabalhadores, o salário da serralharia era complementado pela pequena exploração agrícola familiar.

Acresce ainda que a serralharia em Avanca seria «a única oficina desse artigo [...] no centro do país», como realçava o correspondente de Avanca de «O Concelho de Estarreja» perante o anunciado desejo de Adelino Dias Costa de transferir a sua oficina de Lisboa para a sua terra natal.

Nesse artigo, o correspondente de «O Concelho de Estarreja» afirmou: «Veio *fixar residência* na sua casa do Lombão e ali montar a sua oficina de móveis de ferro o hábil industrial e nosso prezado amigo Adelino Dias [Costa] que *em Lisboa tinha uma oficina do mesmo artigo*»<sup>25</sup>.

Por razões desconhecidas, a deslocalização efetivar-se-ia apenas 2 anos depois, como assinalou Correia de Azevedo, certamente com o testemunho do próprio Adelino Dias Costa: «a sua enorme luta, a partir de 1923, ano em que resolveu transferir de Lisboa para Avanca a sua pequena oficina de mobiliário metálico»<sup>26</sup>.

#### 4. CRESCIMENTO EM CONTEXTO DEPRESSIVO E CONDICIONADO

Escasseia informação sobre os primeiros anos de vida da novel empresa em nome individual. Adelino Dias Costa parece ter enfrentado um sem-número de dificuldades que lhe tolheram os desejos de expansão do seu negócio. Entre os maiores obstáculos avulta a falta de capital, com reflexos na impossibilidade de contratar ou formar mão de obra especializada, tanto para a oficina como para a criação de uma rede de revendedores. Por essa razão é que, em 1 de janeiro de 1923, fez sociedade com João da Silva Borges, com o fim social expresso de «exploração da indústria de serralharia»<sup>27</sup>. Esta sociedade em nome coletivo iniciou a sua atividade com um capital inteiramente realizado de 12.000\$00, dividido em partes iguais. A quota de Adelino Dias Costa era constituída, de comum acordo, pelo conjunto de «ferramentas, máquinas, utensílios e acessórios» da oficina que até aí explorara por conta própria.

Com a entrada de 6.000\$00 nos cofres da sociedade, provenientes de ganhos da emigração no Brasil, foi possível contratar o primeiro grupo de operários e adquirir

<sup>25</sup> *Correspondências*, 21 ago. 1920: 3 (*itálicos meus*).

<sup>26</sup> AZEVEDO, 1961: 23.

<sup>27</sup> ADAVR. *Fundo Notarial*. Notário M. R. Gomes, 1 de janeiro de 1921, liv. 1246-188, fls. 45-47.

alguma maquinaria, ferramentas e outros utensílios mais. Tinha assim início a primeira refundação da empresa, o primeiro tempo de expansão, a transformação da oficina na fábrica do persistente serralheiro<sup>28</sup>.

Ambos os sócios ficaram como «gerentes», tendo Dias Costa a seu cargo a «parte técnica» e João Borges a «parte comercial e financeira». Tinham 31 e 48 anos respetivamente. Todavia, por razões desconhecidas, a sociedade teve vida efémera. Contra o que fora estabelecido na escritura fundacional, os dois sócios acordaram os termos da sua dissolução, ficando Adelino Dias Costa com o ativo e o passivo da sociedade<sup>29</sup>.

Pouco se sabe sobre os anos de 1920. É mais abundante a informação sobre a atividade do empresário a partir dos anos-charneira de 1931-1932. Não obstante as muitas dificuldades, os anos de 1930-1945 foram um tempo de crescimento para a ADICO, em consonância com o que se passava na indústria portuguesa, em geral, que registou, entre 1934 e 1947, «forte investimento privado na indústria e também na agricultura»<sup>30</sup>. Nesse decénio e meio, Adelino Dias Costa lançou as condições para a expansão das três décadas seguintes. A partir de 1931-1932, a pequena oficina escassamente mecanizada iria tornar-se numa fábrica moderna para o seu tempo com produtos para públicos-alvo muito diversificados. Iniciou, assim, uma significativa automatização de várias operações fabris, redefinindo-se o espaço fabril, alargando-se a oferta de produtos fabricados<sup>31</sup>. Foi igualmente nesses anos que foram lançadas as bases para a criação da marca ADICO e consequente expansão comercial dos seus produtos que iam chegando aos principais mercados urbanos, mas também às mais recônditas localidades, cobrindo todo o território nacional.

## 5. A CRIAÇÃO DE UMA ESCOLA NA FÁBRICA

A iliteracia dos seus trabalhadores criou um dos maiores problemas que Adelino Dias Costa enfrentou nos primeiros anos. De facto, o analfabetismo chegou a constituir uma ameaça à sobrevivência da empresa. Segundo alguns testemunhos, «só três não eram analfabetos» e muitos «nem sequer sabiam utilizar o metro»<sup>32</sup>. Para remediar tão grave situação, que acarretava inúmeros bloqueios, Adelino Dias Costa, «primeiro ele, e mais tarde remunerando o trabalho de um professor», abriu, «numa dependência da própria oficina», «um curso escolar de ensino de duas horas diárias que todos se viram compelidos a frequentar por imposição patronal», instituindo, ao mesmo tempo, um prémio monetário para o que tivesse melhor aproveitamento. Os 9 meses determinados para essa aprendizagem, com uma duração de cerca de 400-450 horas letivas,

<sup>28</sup> RODRIGUES, 2010: 535-536.

<sup>29</sup> ADAVR. *Fundo Notarial*. Notário M. R. Gomes, 7 de junho de 1921, liv. 1251-193, fls. 18 v.-19 v.

<sup>30</sup> LAINS, 2011: 412.

<sup>31</sup> AZEVEDO, 1961: 32.

<sup>32</sup> AZEVEDO, 1961: 32.



deram surpreendentes frutos imediatos. Em 20 de maio de 1948, numa entrevista a «O Século», o empresário realçou «a diferença de mentalidade e melhor formação moral de cada aprendiz», tendo podido, assim, conhecer as aptidões de cada um e descobrir os melhores para as diversas tarefas<sup>33</sup>.

Por essa razão, no texto do *Catálogo Geral*, de 1931, afirmava com orgulho que, após 11 anos de atividade, se *ufanava* — o verbo é dele — de «*haver conseguido o ensinamento perfeito de 40 operários que, tendo sido recrutados na lavoura, manejam hoje com técnica e destreza, as diversas máquinas por mim imaginadas e construídas, dando-me um fabrico anual de 15.000 camas e 10.000 lavatórios*»<sup>34</sup>.

O seu olhar voltou-se para fora da fábrica. Nesse mesmo ano, segundo «O Povo de Pardilhó», de 2 de janeiro de 1932, Adelino Dias Costa participou na construção de uma nova escola em Avanca. Mais tarde, entre outras ações benemerentes, ofereceu o terreno para a criação de uma escola feminina, a Escola Primária do lugar do Mato<sup>35</sup>.

## 6. OS PRODUTOS E OS SEUS MERCADOS

No início, certamente «como em Lisboa»<sup>36</sup>, Adelino Dias Costa produziu vários modelos, tamanhos e qualidades de camas, lavatórios, bidés de ferro e colchões de arame, cheios com folhelho. Muitos desses produtos, total ou parcialmente, eram invenção sua, como ele próprio referiu na citação anterior. Em 1928, concebeu, com António Carvalho, o fundador da FACAR (1922), de Leça da Palmeira, «a primeira máquina saída das oficinas portuguesas destinada ao fabrico de tubo»<sup>37</sup>. A partir desse ano, as camas passaram a ser feitas com tubo de ferro, o que constituiu uma vantagem competitiva no mercado de mobiliário doméstico metálico. Não por acaso, o logótipo, entendido como «representação gráfica, visual da empresa»<sup>38</sup>, destaca o determinante uso do tubo de ferro. Foi um marco na história do mobiliário metálico.

A informação do «Boletim da Propriedade Industrial» confirma essa inventividade técnica. Adelino Dias Costa registou dois Títulos de Patente de Invenção referentes a dois produtos: um «Colchão de arame desmontável» (n.º 17.348, de 21 de março de 1933)<sup>39</sup> e um «Lavatório de ferro desmontável» (n.º 18.301, de 3 de dezembro de 1935)<sup>40</sup>. Depois da Segunda Guerra Mundial, a ADICO, que era já um fabricante de mobiliário prestigiado, registaria outras patentes de invenção<sup>41</sup>. Mas nem sempre terão sido registadas

<sup>33</sup> Cf. *Em Portugal trabalha-se e trabalha-se bem*, 1955: 10; AZEVEDO, 1961: 23-24.

<sup>34</sup> ADICO. [*Catálogo Geral da Fábrica de Móveis de Ferro de Avanca*], 1931 (*itálicos meus*).

<sup>35</sup> PEREIRA, 2007: 181; FERREIRA, CORREIA, 2011: 127.

<sup>36</sup> AZEVEDO, 1961: 22.

<sup>37</sup> AZEVEDO, 1961: 22-23.

<sup>38</sup> PORTUGAL. Ministério da Justiça, [2020].

<sup>39</sup> *Colchão de arame desmontável*, 1933: 53.

<sup>40</sup> *Lavatório de ferro desmontável*, 1935: 222.

<sup>41</sup> RODRIGUES, [no prelo].



as patentes de invenção. Como compreender que a empresa tenha produzido muitas centenas de produtos e só tenha registado algumas patentes?

Um muito rudimentar *Livro de Razão*<sup>42</sup>, referente ao ano de 1925, mostra que, pouco tempo após a separação do seu sócio João da Silva Borges, Dias Costa já tinha encomendas de um número apreciável de revendedores. Para lá dos clientes situados nas redondezas, entre Aveiro e Ovar, os seus produtos estavam à venda em localidades mais distantes como Coimbra, Lousã, Mealhada, Cantanhede, Oliveira de Frades, Guarda, mas também, em Braga e no Barreiro. Em 1929, fez instalar uma máquina a vapor, passando a anunciar a sua oficina como uma «*Fábrica a vapor* de móveis de ferro», com «Escritório e fábrica em Avanca» e «Fabrico esmerado e sólido de camas de ferro, lavatórios e *bidets* em todos os géneros»<sup>43</sup>. Em 1932, ano da criação de uma escola para formação de operários, foi a vez da instalação elétrica e de outra diversa maquinaria<sup>44</sup>. Em 5 de agosto de 1933, Adelino Dias Costa obteve o Alvará que o autorizava a explorar «uma serralharia de móveis de ferro»<sup>45</sup>.

Nos anos seguintes, a crescente mecanização, a diversificação dos produtos e, especialmente, a opção pela produção de mobiliário médico e hospitalar, a partir de 1935, mudaram a natureza da «serralharia», conduzindo à ampliação e diferente distribuição dos espaços fabris. Foi então criada uma secção própria para a fabricação de mobiliário para hospitais e consultórios médicos. Adelino Dias Costa não mais abandonou a produção para este nicho de mercado. Até porque esses equipamentos abriam as portas aos restantes produtos.

## 7. A IMPORTÂNCIA DA PUBLICIDADE E DO MARKETING PARA A CONSTRUÇÃO DA MARCA

O art.º LXX do *Código Commercial Portuguez* de José Ferreira Borges, aprovado em 18 de setembro de 1833<sup>46</sup>, faz uma referência vaga a «marcas» e «contramarcas», mas só em 19 de janeiro de 1837, «pela primeira vez, de forma sistemática» foi aprovada legislação sobre os direitos de propriedade intelectual e industrial<sup>47</sup>, num contexto marcado pelo crescente (mas tímido) aumento do número de unidades industriais instaladas em Portugal: «das 863 unidades existentes em 1845, mais de metade (506) foram fundadas depois de 1835»<sup>48</sup>. A problemática da propriedade industrial seria objeto de nova legislação em 1852 e em 1883. Os decretos de 4 de junho de 1883 e de 23 de outubro de 1883, que «introduzem em Portugal o registo de “marcas de fábrica e de comércio”»,

<sup>42</sup> ADICO. *Livro de Razão*, 1925.

<sup>43</sup> ADICO. *Fatura*, 25 de maio de 1929.

<sup>44</sup> ADICO. *Inspecção das Instalações Elétricas*, 15 de abril de 1932.

<sup>45</sup> ADICO. *Alvará n.º 21.520*, 5 de agosto de 1933.

<sup>46</sup> BORGES, 1879: 19.

<sup>47</sup> NUNES, 1994: 191.

<sup>48</sup> LAINS, 2005: 268.

alargaram «significativamente a noção de propriedade industrial»<sup>49</sup>. Mais tarde, como refere o mesmo autor, outras medidas foram tomadas para assegurar os direitos da propriedade industrial.

Nos primeiros catálogos e tabelas de preços, Adelino Dias Costa dirigia-se aos seus clientes — não como ADICO, mas como «ADC. Fábrica de Móveis de Ferro de Avanca de Adelino Dias Costa» —, com um pequeno preâmbulo onde mostrava a sua ambição e as transformações por que então passava a sua empresa. E fazia-o mostrando conhecer a relevância da publicidade e do *marketing*. No *Catálogo Geral* de 1931, dizendo que estava a «iniciar *uma nova etapa*», enfatizava o seu lema — «Trabalho, Honra e Progresso» — e a sua divisa — «*Vender barato para vender muito*»<sup>50</sup>. O empresário apostava numa política de preços baixos para ganhar mercado. Não parece que visasse a construção de uma marca. Diz Jean-Noël Kapferer, «uma estratégia de preços pode proporcionar elevadas vendas e quota de mercado sem construir qualquer equidade de marca»<sup>51</sup>. No entanto, se entendermos por marca «um sinal que identifica no mercado os produtos ou serviços de uma empresa, distinguindo-os dos de outras empresas»<sup>52</sup>, então poderemos considerar que Adelino Dias Costa procurava identificar a sua marca com um mercado com menor poder de compra, apostando numa excelente relação qualidade-preço, em que o preço era valorizado pela qualidade, higiene e durabilidade dos seus produtos.

No texto de apresentação do *Catálogo Geral* de 1931, fazendo jus à sua divisa, Adelino Dias Costa mostrava o seu posicionamento no mercado de mobiliário metálico, no início dos anos de 1930 (os destaques são meus):

*Por isso, depois de 11 anos de trabalho constante e de muitas lutas, apresento o meu primeiro Catálogo Geral que, sendo modesto, reúne em si inúmeras vantagens para os Srs. Comerciantes, que nele encontrarão representados, não os artigos de luxo supérfluo, que hoje pouco se vendem, mas sim os móveis de ferro simples, elegantes e higiénicos, indispensáveis a um lar por preços ao alcance de todas as bolsas*<sup>53</sup>.

O empresário tinha a firme certeza de que a sua aposta nas camas de ferro estava votada ao êxito. Mostrando conhecer o «*marketing de produto*», pouco tempo após a sua primeira teorização<sup>54</sup>, identificava os clientes colocando os seus interesses em primeiro lugar. Atentemos nas suas palavras (os destaques são meus):

<sup>49</sup> NUNES, 1994: 192.

<sup>50</sup> ADICO. [*Catálogo Geral da Fábrica de Móveis de Ferro de Avanca*], 1931 (*itálicos meus*).

<sup>51</sup> KAPFERER, 2008: 26.

<sup>52</sup> PORTUGAL. Ministério da Justiça, [2020].

<sup>53</sup> ADICO. [*Catálogo Geral da Fábrica de Móveis de Ferro de Avanca*], 1931: 1.

<sup>54</sup> SHAW, TAMILIA, 2001: 160.

*A cama de ferro é hoje um móvel precioso que não pode ser dispensado pela mais humilde família e, por isso, era necessário que o seu preço fosse imensamente limitado, tornando-a acessível a todas as bolsas. Foi o que eu consegui e é do que, com verdade, legitimamente me orgulho*<sup>55</sup>.

A natureza e a dimensão da sua produção mostram que uma parte do trabalho realizado já estava total ou parcialmente mecanizado, embora o trabalho manual tenha permanecido durante décadas (os destaques são meus):

*O montante das minhas vendas actuais, que atingiu já os números que julgo serem bastante eloquentes, de 1800 camas e outros tantos lavatórios por mês [...]. Tendo ultimamente dado uma expansão mais larga à minha indústria, tanto na parte técnica como na parte comercial, posso afirmar também que a minha nova organização me permite enfrentar todos os obstáculos sem receio de sucumbir*<sup>56</sup>.

Segundo a referida publicação, a sua fábrica produzia «camas simples, camas de ferro tubular com adornos de metal dourado ou niquelado (sistema inglês), camas com colchões de arame, lavatórios à inglesa, lavatórios vulgares, colchões de arame avulsos. Tudo em série, patenteando «simplicidade, higiene, bom gosto, solidez e barateza». Todos os móveis constantes desse *Catálogo Geral* de 1931 eram «fabricados em ferro forjado, sem qualquer artefacto de ferro fundido, pelo que se podem considerar os mais sólidos que hoje se fabricam»<sup>57</sup>.

Com os seus conhecimentos de publicidade e de *marketing* publicou, nesse ano de 1931, na sua *Tabela de Preços*, um anúncio em que afirmava sem qualquer inibição (os destaques são meus):

*Adelino Dias Costa. Avanca. A maior produção do país / em todo o mobiliário de ferro / especializada no fabrico em série / importação direta da matéria prima / Colocação no mercado / pelos preços mais baixos*<sup>58</sup>.

Em toda a publicidade dos inícios dos anos de 1930, as variáveis «preços baixos» e «solidez» dos produtos são uma constante e repetem no essencial o que afirma nesse *Catálogo Geral* de 1931:

<sup>55</sup> ADICO. [Catálogo Geral da Fábrica de Móveis de Ferro de Avanca], 1931: 1.

<sup>56</sup> ADICO. [Catálogo Geral da Fábrica de Móveis de Ferro de Avanca], 1931: 1.

<sup>57</sup> ADICO. [Catálogo Geral da Fábrica de Móveis de Ferro de Avanca], 1931: 1.

<sup>58</sup> ADICO. *Tabela de Preços*, 1931.

*A distribuição é feita pela minha firma em todos os bons mercados do país por preços tão reduzidos que não chegam sequer a atingir 50% daqueles por que tais móveis se vendiam antes da Grande Guerra, não obstante custar ainda hoje a matéria-prima o mesmo que custava nessa época (ouro)*<sup>59</sup>.

Em 1933, Adelino Dias Costa distribuiu 300 calendários pelos seus revendedores onde anunciava a sua «Fábrica de móveis de ferro». O número de calendários impressos, felizmente conservados no arquivo da empresa, permite afirmar que os produtos da fábrica se vendiam então em mais de 250 locais espalhados por todo o país. Tudo mudou a partir de 1935. Em belíssimos calendários, produzidos pelas Oficinas Artistas Reunidos, Adelino Dias Costa mostrava e publicitava os seus produtos diferentes de ano para ano, mostrando a evolução da produção da fábrica. O *Catálogo Geral* de 1932<sup>60</sup> exhibe o primeiro logótipo da empresa que, a partir de então, regista pequenas variações nos demais documentos da empresa.



Fig. 1. [Catálogo Geral da Fábrica de Móveis de Ferro de Avanca], 1932  
Fonte: Arquivo da ADICO

Em 1936, além dos produtos dos anos anteriores, publicitava uma mesa e uma cadeira de feições modernas. O logótipo mudou graficamente.



Fig. 2. [Catálogo Ilustrado], n.º 29, 1934  
Fonte: Arquivo da ADICO

<sup>59</sup> ADICO. [Catálogo Geral da Fábrica de Móveis de Ferro de Avanca], 1931: 1.

<sup>60</sup> ADICO. [Catálogo Geral da Fábrica de Móveis de Ferro de Avanca], 1932.

## 8. PRODUÇÃO DE MATERIAL CIRÚRGICO E MOBILIÁRIO HOSPITALAR

O empresário estava muito atento a tudo o que se passava no domínio das técnicas de produção e nas tendências de mercado. Cedo terá percebido a importância da inovação introduzida em 1932 na Metalurgia da Longra pelo técnico Firmino da Costa Leite que, em entrevista ao «Jornal de Notícias», em 2004, afirmou que trabalhara numa empresa alemã, no Brasil, onde se especializara «no fabrico de material hospitalar, coisa que não se fazia em Portugal: a primeira cama cirúrgica do país», com a qual a empresa obteve «vários prémios em exposições»<sup>61</sup>. À pergunta do jornalista do referido diário sobre as razões por que «saiu da empresa [Metalurgia da Longra], passados oito anos», o referido técnico, que teria, então, uns 28 ou 29 anos, respondeu: «Recebi uma boa proposta para ir trabalhar em Aveiro, na fábrica de Adelino Dias Costa»<sup>62</sup>.

Firmino da Costa Leite terá chegado à ADICO por volta de 1940. Terá sido contratado para introduzir, não a «mesa cirúrgica», mas para produzir outro mobiliário médico e hospitalar, ou para aperfeiçoar os móveis e instrumentos médicos e cirúrgicos então em produção. Segundo Correia de Azevedo, 1935 foi «o ano de partida para o fabrico de *Mesas de Operações e outro material de alta cirurgia*»<sup>63</sup>.

De facto, a referida «mesa cirúrgica» já fora mostrada pelo menos na exposição de Viseu, em 1937, e na de Aveiro, em 1938. Em 1937, além de um novo modelo de cama, Adelino Dias Costa apresentava, pela primeira vez, três mesas de operações cirúrgicas, bem como um conjunto de móveis de escritório e de sala de estar. Em 1938, no ano da Exposição Industrial de Aveiro, a empresa reproduziu no calendário desse ano diversos produtos hospitalares. Infelizmente, Correia de Azevedo não discriminou o «outro material cirúrgico e hospitalar [que] começou a brotar da dedicação de Adelino Dias Costa», nem os nomes dos técnicos «especializados» que «secundavam» o seu esforço»<sup>64</sup>.

## 9. EVOLUÇÃO DO LOGÓTIPO DA ADICO



Fig. 3. *Calendário de 1938*  
Fonte: Arquivo da ADICO

O *Calendário de 1938*<sup>65</sup>, com o logótipo próximo do atual — terá sido a primeira vez que adotou o acrónimo ADICO —, publicitava um berço de ferro tubular,

<sup>61</sup> PEREIRA, 2004; LAGE, 2007: 226.

<sup>62</sup> PEREIRA, 2004: 16.

<sup>63</sup> AZEVEDO, 1961: 33 (*itálicos meus*).

<sup>64</sup> AZEVEDO, 1961: 33.

<sup>65</sup> ADICO. [*Calendários*], 1938.

com acessórios de madeira. A produção alargava-se. As camas e os lavatórios continuaram a ser presença constante nos catálogos, mas agora a gama de produtos é mais variada, tendo grande destaque os «Móveis Cirúrgicos e Hospitalares».

Diferentemente, o *Calendário de 1939*<sup>66</sup>, mais sóbrio, com a figura estilizada de um operário dobrando em arco um tubo de ferro, constitui um pequeno catálogo de 12 folhas, com fotografias a preto e branco, dos principais produtos da fábrica, ou dos que o empresário pretendia destacar.



Fig. 4. Baixo-relevo da frontaria da fábrica  
Fonte: Fotografia do autor

A par das imagens, Adelino Dias Costa adicionou pequenos excertos de textos elogiosos que alguns médicos haviam escrito, no ano anterior, no *Livro de Honra* da Exposição Industrial de Aveiro. Além do General Norton de Matos, do advogado aveirense, Alberto Souto, e do secretário do Governo Civil de Viseu, Henrique Paz, todos os restantes autores dos trechos publicitados eram médicos: António C. de Almeida Henriques, Nogueira Martins, Rogério Leitão Cardoso e Trajano de Lima, de Viseu; E. Vaz Craveiro, de Ílhavo; Alberto Costa, de Coimbra; Costa Candal, de Aveiro; Mário Vilar, de Vila Real; Carlos A. Santos, da Figueira da Foz.

O destaque dos testemunhos médicos, na sua maioria da região Centro, mostra como a empresa procurava penetrar em dois mercados novos: no dos hospitais e, especialmente, no dos consultórios médicos. Com a seleção desses excertos, Adelino Dias Costa fazia passar o essencial da sua mensagem. Para lá dos estribilhos nacionalistas da época — que tiveram nas celebrações de 1940 um ponto alto —, para lá da exaltação do carácter «artístico» dos produtos industriais apresentados, conforme a uma ideologia corrente à época, e da necessidade de o Estado «proteger a indústria nacional», o que todos esses excertos realçam é uma enorme admiração pela elevada qualidade dos produtos

<sup>66</sup> ADICO. [Calendários], 1939.

expostos, que satisfaziam «os mais exigentes», pela sua «*conceção prática, económica e bom acabamento*», pela sua «construção sólida», «elegância» e «linhas modernas»<sup>67</sup>. As folhas desse calendário mostram essencialmente dois tipos de produtos: cadeiras, divãs, cadeirões ou sofás, para salas de estar, salas de reuniões e de consultórios médicos, e diverso equipamento para hospitais, como mesas de parto.

A segunda edição do referido *Catálogo*<sup>68</sup>, em 12 páginas, apresenta 92 produtos diferentes, exibindo em primeiro lugar 55 produtos cirúrgicos e hospitalares com funções muito diversas. Vêm depois os móveis domésticos, em tubo de ferro, e, além das camas, os móveis de sala de estar, de escritório, um número apreciável de cadeiras de *design* moderno.

O belo *Calendário de 1940*<sup>69</sup> da firma Controle Gráfico, de São João da Madeira, destaca o mobiliário de escritório, de grande beleza, enumerando os restantes produtos da empresa: «Móveis decorativos em tubo de aço cromado ou esmaltado. Móveis cirúrgicos. Móveis hospitalares. Colchões de arame», esclarecendo que «todo o mobiliário de ferro [era produzido] em série».

## 10. EFEITOS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NA CONSOLIDAÇÃO DA MARCA ADICO

Os contraditórios efeitos da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) — a segunda guerra da vida de Adelino Dias Costa — fizeram-se sentir, de setembro de 1939 a junho de 1941, de forma leve, e, depois, entre 1941 e 1946, de forma dura e prolongada<sup>70</sup>.

Em 1948, segundo o «Diário de Notícias», havia «móveis com a marca ADICO espalhados por todo o país, em hospitais, postos clínicos, maternidades, dispensários»<sup>71</sup>. Mas também em quartéis. O Estado e a Igreja eram os seus melhores clientes.

Católico convicto, Adelino Dias Costa tinha uma relação muito especial com a hierarquia católica que muito terá contribuído para a atribuição, em 1946, da Comenda da Ordem de Benemerência. Adelino Dias Costa fora um dos fundadores da Misericórdia de Estarreja e da Conferência de São Vicente de Paulo de que então era presidente. Em 1943, criou a Obra de Amparo à Criança com três secções: cantina escolar, rouparia e lactário. Apesar da sua discricção, as suas ações benemerentes, durante os duros anos da Segunda Guerra Mundial, deram-lhe grande visibilidade que a imprensa ampliou. Não foi por acaso que, entre 1943 e 1944, antes da atribuição da Comenda, e, depois, entre 1950 e 1959, visitaram a fábrica seis bispos e um abade, facto que teve forte impacto na imagem de marca da ADICO<sup>72</sup>.

<sup>67</sup> ADICO. [*Calendários*], 1940:1 (*itálicos meus*).

<sup>68</sup> ADICO. [*Calendários*], 1940.

<sup>69</sup> ADICO. [*Calendários*], 1940.

<sup>70</sup> ROSAS, 1995: *passim*.

<sup>71</sup> *Em Portugal trabalha-se e trabalha-se bem*, 1955: 8.

<sup>72</sup> RODRIGUES, [no prelo].



Entretanto, não obstante o relevo atribuído aos produtos cirúrgicos e hospitalares, a inovação, tanto ao nível da produção como do *design*, fez-se sentir no mobiliário de ferro para outros fins: doméstico, escritórios, escolas, serviços, *snack-bars*, esplanadas, etc., testemunhando as diversas fases da urbanização a partir dos anos de 1940.

Nesse ano de 1942, teve início uma nova fase da vida da empresa, marcada pela transformação da empresa em nome individual numa sociedade por quotas para melhor enfrentar a intensidade dos efeitos da Segunda Guerra Mundial, como a escassez de matérias-primas, na sua maioria importadas, a exação fiscal e o apertado controlo da produção pelo Estado, sem falar do aparecimento de outras empresas concorrentes. Como mostrou Fernando Rosas, no difícil contexto da Segunda Guerra Mundial, o Governo liberalizou «a instalação de atividades ligadas à produção de bens de maior consumo». Assim, entre 1939 e 1945, foi autorizada «a criação de 5090 unidades, a um ritmo médio de 727 por ano!». Desse conjunto, foi autorizada a instalação de «737 novas oficinas metalomecânicas». Só nesse ano de 1940, foi autorizada a instalação de 48 novas unidades<sup>73</sup>.

A sociedade por quotas Adelino Dias Costa & C.<sup>a</sup>, Lda. tornou-se, de facto, uma empresa diferente, apesar de ter mantido o mesmo objeto social, o mesmo local de laboração e, na prática, os mesmos protagonistas. Foi a segunda refundação, o fim de um ciclo e o início de outro. A expansão da marca ADICO conheceu então um salto qualitativo.

Em 1937, na Feira de São Mateus, a firma Carlos Bon de Sousa Carneiro, o primeiro representante da ADICO em Lisboa, apresentara diversos produtos médicos e hospitalares da marca ADICO, mostrando a empresa de Avanca como fabricante de «Móveis Cirúrgicos». Anos depois, durante a guerra, Adelino Dias Costa celebrou contratos de representação dos seus produtos com outras empresas, assumindo a ambição de vir a dominar o mercado nacional. Em 30 de agosto de 1940, negociou com a firma Bacelar & Martinho, Lda., com sede na cidade do Porto, um contrato de representação exclusiva, por 5 anos, «para venda de mobiliário cirúrgico e hospitalar de seu fabrico» nos distritos do Porto, Viana do Castelo, Vila Real e Bragança. A publicidade — no texto a «propaganda» —, nomeadamente «os anúncios na imprensa, em teatros, em meios sonoros, etc., ficariam a cargo da ADICO»<sup>74</sup>.

Com a rede de representantes que a empresa foi criando, nos anos de guerra, os seus produtos chegavam a todo o país, com destaque para os contratos celebrados com a Sano-Técnica (1937), com a Bacelar & Irmão (1940) e com Carlos Bon de Sousa (1941), com António S. Oliveira, no Funchal (1943), e com A. D. Gouveia, em Bissau (1951). Nos anos seguintes os seus produtos foram chegando aos restantes mercados coloniais.

Esclarecia na sua carta de 14 de dezembro de 1943, que os artigos que fabricava eram constituídos por «mobiliário cirúrgico, hospitalar e doméstico», acrescentando:

<sup>73</sup> ROSAS, 1995: 204.

<sup>74</sup> ADICO. *Contrato de representação firmado entre Adelino Dias Costa, com fábrica de móveis de ferro em Avanca e Bacelar & Martinho, Lda., com sede no Porto*, 30 de agosto de 1940.

«Todos os nossos modelos são de fácil venda pela sua utilidade que, *aliada à elegância e estilo moderno, os torna atraentes e cativantes*». Terminava dizendo: «os modelos de uso cirúrgico e hospitalar são geralmente adquiridos pelos hospitais, casas de saúde, sanatórios, consultórios e postos médicos»<sup>75</sup>.

Em 1935, a «Fábrica de Móveis de Ferro de Avanca» empregava 60 operários, 40 dos quais «aprendizes» e 4 «empregados [de escritório]». No fim da guerra, a ADICO empregava cerca de 130 operários; uma década depois esse número cifrava-se em cerca de 300<sup>76</sup>.

Dando continuidade ao trabalho dos anos da Segunda Guerra Mundial, nas décadas seguintes, a direção da ADICO soube consolidar uma marca que se tornou sinónimo de qualidade, modernidade e excelência. Os produtos ADICO penetraram em todos os espaços de lazer, de habitação e de trabalho, dos escritórios das empresas industriais e comerciais aos quartéis, das clínicas e hospitais às escolas e seminários, das cantinas e refeitórios aos jardins de infância, hotéis, estâncias balneares, cafés e esplanadas — com destaque para a belíssima «Cadeira Portuguesa»<sup>77</sup> —, como bem mostra a publicidade difundida por múltiplas publicações, dos catálogos e prospectos da empresa, dos boletins paroquiais aos jornais de expansão local e nacional, das revistas especializadas do exército às dos hospitais. Mesmo algum cinema dos anos de 1950-1960 testemunha a omnipresença da marca ADICO. No filme *Domingo à tarde* (realização de António Macedo e produção de António da Cunha Telles, 1966), podemos ver instrumentos e mobiliário ADICO em todos os espaços do Instituto de Oncologia, em Lisboa<sup>78</sup>. São, pois, testemunhos eloquentes das diversas fases da urbanização e da história do *design* em Portugal.

Segundo Victor Manuel Marinho de Almeida<sup>79</sup>, «o ano de 1959 representa o início do período de popularização e de autonomização do *design* em Portugal». O referido autor acrescenta que «falar de *design* em Portugal nos anos de 1960 é, antes de mais, falar de uma realidade cultural em mudança que, apesar do atraso em relação às dinâmicas de desenvolvimento internacionais, desencadeou o processo de institucionalização de uma actividade profissional moderna»<sup>80</sup>. Todavia, os primeiros passos foram dados anos antes. A palavra *designer* terá sido impressa pela primeira vez em 1955, mas já seria usada oralmente<sup>81</sup>. A ADICO integrou esse movimento cultural especialmente a partir do fim da Segunda Guerra Mundial, quando começou a dar muita atenção ao que se fazia noutros países no domínio do mobiliário metálico, como mostram diversas publicações existentes no arquivo da empresa.

<sup>75</sup> ADICO. *Carta e Bacelar & Martinho, Lda.*, 14 de dezembro de 1943 (*itálicos meus*).

<sup>76</sup> *Em Portugal trabalha-se e trabalha-se bem*, 1955: 11.

<sup>77</sup> ADICO, 2023.

<sup>78</sup> Agradeço ao Professor Costa Valente a indicação desta referência.

<sup>79</sup> ALMEIDA, 2009: 93.

<sup>80</sup> ALMEIDA, 2009: 47.

<sup>81</sup> BARBOSA, 2015: 10.

## FONTES

### Arquivo da ADICO

- ADICO. *Alvará n.º 21.520*, 5 de agosto de 1933. Direção Geral da Indústria, 2.ª Circunscrição Industrial.
- ADICO. *Carta e Bacelar & Martinho, Lda.*, 14 de dezembro de 1943.
- ADICO. [Calendários], 1935-1940.
- ADICO. [Catálogo Geral da Fábrica de Móveis de Ferro de Avanca], 1931, 1932.
- ADICO. [Catálogo Ilustrado], n.º 29, 1934.
- ADICO. *Contrato de representação firmado entre Adelino Dias Costa, com fábrica de móveis de ferro em Avanca e Bacelar & Martinho, Lda., com sede no Porto*, 30 de agosto de 1940.
- ADICO. *Contribuição Industrial*, 28 de fevereiro de 1935.
- ADICO. *Diploma de Honra*, 24 de abril de 1939.
- ADICO. *Fatura*, 25 de maio de 1929.
- ADICO. *Inspeção das Instalações Elétricas*, 15 de abril de 1932. Ministério do Comércio e Comunicações.
- ADICO. *Livro de Razão*, 1925.
- ADICO. *Tabela de Preços*, 1931.

### Arquivo Distrital de Aveiro

- ADAVR. *Fundo Notarial*. Notário M. R. Gomes, 1 de janeiro de 1921, liv. 1246-188, fls. 45-47. Constituição da sociedade Adelino Dias Costa & Borges. PT/ADAVR/NOT/CNETR5/001/0122.
- ADAVR. *Fundo Notarial*. Notário M. R. Gomes, 7 de junho de 1921, liv. 1251-193, fls. 18v.-19v. Dissolução da sociedade Adelino Dias Costa & Borges. PT/ADAVR/NOT/CNETR5/001/0127.
- ADAVR. *Fundo Paroquial*. Avanca, Casamentos, 1891-1910. PT/ADAVR/PETR01/2/118-175.

## Legislação

- BORGES, José Ferreira (1879). *Código Commercial Portuguez seguido de um Appendice*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- PORTUGAL. Ministério do Interior. Direcção-Geral de Administração Política e Civil (1973). *Decreto n.º 105/73*. «Diário do Governo Série I». 62 (1973-03-14) 425-426. Eleva à categoria de vila a povoação de Avanca, do concelho de Estarreja.

## Publicações periódicas

- «Anuário Comercial de Portugal». Empresa Tipográfica do Anuário Comercial, 1916.
- AVANCA e a indústria. «Notícias de Avanca». (22 nov. 1973) 22.
- COLCHÃO de arame desmontável. «Boletim da Propriedade Industrial». 2 (21 mar. 1933) 53. Título de Patente de Invenção n.º 17.348.
- CORRESPONDÊNCIAS. «Concelho de Estarreja». 961 (21 ago. 1920) 3.
- LAVATÓRIO de ferro desmontável. «Boletim da Propriedade Industrial». 6 (3 dez. 1935) 222. Título Patente de Invenção n.º 18.301.
- NOVA escola de Avanca. «O Povo de Pardilhó». 250 (2 jan. 1932) 1, 4-5.
- PEREIRA, José Carlos (2004). *Inventor português é livro aberto de saber*. «Jornal de Notícias». (29 dez. 2004) 16.

## Fontes eletrônicas

- ADICO (2023). [#5008 – Portuguese Chair The Original]. [Consult. 17 mar. 2023]. Disponível em <<https://www.adico.pt/en/a-cadeira-portuguesa/>>.
- HERALDRY OF THE WORLD [2004]. [Freguesia de Avanca. Ordenação heráldica do brasão e bandeira]. «Heraldry of the World». [Consult. 7 fev. 2022]. Última atualização 14 nov. 2004. Disponível em <<https://www.heraldry-wiki.com/arms/websites/Portugal/www.fisicohomepage.hpg.ig.com.br/etr-avanca.htm>>.
- PORTUGAL. Ministério da Justiça [2020]. *O que é uma marca [?]* «Justiça.gov.pt». [Consult. mai. 2022]. Última atualização 17 mar. 2023. Disponível em <<https://justica.gov.pt/Registos/Propriedade-Industrial/Marca/O-que-e-uma-marca>>.

## BIBLIOGRAFIA GERAL

- ALMEIDA, Victor Manuel Marinho de (2009). *O Design em Portugal, um Tempo e um Modo. A institucionalização do Design Português entre 1959 e 1974*. Lisboa: Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Tese de doutoramento.
- AZEVEDO, Correia de (1961). *História da indústria em Portugal*. [Espinho]: [Tipografia de Silvalde L.da]. Fascículo XV.
- BARBOSA, Helena (2015). *Contradictions of the Estado Novo in Modernisation of Portugal: Design and Designers in the 1940's and 50's*. «The Radical Designer», 1-15. [Consult. 17 mar. 2023]. Disponível em <[http://unidcom.iade.pt/radicaldesignist/wp-content/uploads/2016/01/Design-Policies\\_HBarbosa.pdf](http://unidcom.iade.pt/radicaldesignist/wp-content/uploads/2016/01/Design-Policies_HBarbosa.pdf)>.
- BRANDÃO, Raul [s.d.] [1933]. *Memórias*. Lisboa: Edições Vertical. III: *Vale de Josafat*. Edição digital (Amazon).
- CARDOSO, António Maria Ferreira (2008). *As associações: uma alavanca para o desenvolvimento local*. In *Actas do III Congresso de Estudos Rurais*. Lisboa: SPER; Faro: Universidade do Algarve, pp. 1-30. Disponível em <[http://sper.pt/oldsite/IIICER/Comunicacoes/Ant\\_Cardoso\\_Com.pdf](http://sper.pt/oldsite/IIICER/Comunicacoes/Ant_Cardoso_Com.pdf)>.
- CARDOSO, Carlos Alfredo Rezende dos Santos (1961). *Subsídios para uma Monografia Histórica e Descritiva da Freguesia de Avanca*. Coimbra: Universidade de Coimbra. Dissertação de exame de licenciatura em Ciências Histórico-Filosóficas.
- CARVALHO, Manuel (2015). *A Guerra que Portugal quis esquecer*. Porto: Porto Editora.
- EM PORTUGAL trabalha-se e trabalha-se bem*. Publicado por ADICO. Santa Maria da Feira: Empresa Gráfica Feirense, 1955. Reportagem feita pelo jornal «Diário de Notícias» (20 mai. 1948).
- FARINHA, Luís (2017). *A Noite Sangrenta: crime e castigo. Um desfecho possível para o triénio trágico português do pós-guerra*. In FERREIRA, Ana Sofia; MADEIRA, João; CASANELLAS, Pau, coord. *Violência política no século XX. Um balanço*. Lisboa: Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa, pp. 252-261.
- FERNANDES, António Teixeira (1992). *Espaço social e suas representações*. «Sociologia – Revista da Faculdade de Letras». 2, 61-99.
- FERREIRA, Delfim Bismarck; CORREIA, Telma (2011). *Avanca e os seus autarcas na Primeira e Segunda Repúblicas (1910-1974)*. Avanca: Junta de Freguesia de Avanca.
- KAPFERER, Jean-Noël (2008). *The New Strategic Brand Management. Creating and Sustaining Brand Equity Long Term*. 4.ª ed. Londres; Filadélfia: Kogan Page.
- LAINS, Pedro (2005). *A indústria*. In LAINS, Pedro; SILVA, Álvaro Ferreira da, org. *História Económica de Portugal, 1700-2000*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, pp. 259-282. Vol. 2: *O século XIX*.
- LAINS, Pedro (2011). *A convergência, 1914-2010*. In COSTA, Leonor Freire; LAINS, Pedro; MIRANDA, Susana Münch, org. *História Económica de Portugal, 1143-2010*. Lisboa: A Esfera dos Livros, pp. 365-441.

- LAGE, Maria Otilia Pereira (2007). *Metalúrgica da Longra (1920-1993): ancoragem para um estudo sobre os regimes de ação*. «História – Revista da Faculdade de Letras». Série III. 8, 217-236.
- LOPES, José da Silva (2005). *Finanças públicas*. In LAINS, Pedro; SILVA, Álvaro Ferreira da, org. *História Económica de Portugal, 1700-2000*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, pp. 265-304. Vol. 3: O Século XX.
- MALTEZ, José Adelino (2005). *Tradição e revolução. Uma biografia do Portugal político do século XIX ao XXI*. Lisboa: Tribuna da História. Vol. 2: 1910-2005.
- MARTINS, Conceição Andrade (2002). *Agricultor*. In MADUREIRA, Nuno Luís, coord. *História do Trabalho e das Ocupações*. Oeiras: Celta Editora, pp. 15-24. Vol. III: *A Agricultura: dicionário das ocupações*.
- NUNES, João Paulo Avelãs (1994). *Inventores, registos de patentes e de marcas e arqueologia industrial. Um exemplo concreto*. «Revista Portuguesa de História». 29, 181-212.
- PEREIRA, Marco (2007). *História do ensino primário no concelho de Estarreja*. «Terras de Antuã – Histórias e Memórias do Concelho de Estarreja». Ano 1. 1, 173-195.
- REIS, José Joaquim Dinis (1989). *Os espaços da indústria: a regulação económica e a mediação local numa sociedade semiperiférica*. Coimbra: Centro de Estudos Sociais. Tese de doutoramento.
- RODRIGUES, Manuel Ferreira (2010). *Empresas e empresários das indústrias transformadoras na sub-região da Ria de Aveiro, 1864-1931*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- RODRIGUES, Manuel Ferreira [no prelo]. *ADICO, 1920-2020. Um século de inovação no mobiliário metálico*. [S.l.]: ADICO.
- ROSAS, Fernando (1995). *Portugal entre a Paz e a Guerra, 1939-1945. Estudo do impacte da II Guerra Mundial na economia e na sociedade portuguesa*. Lisboa: Editorial Estampa.
- SERRA, José Bonifácio (1990). *Do 5 de Outubro ao 28 de Maio: a instabilidade permanente*. In REIS, António, dir. *Portugal Contemporâneo*. Lisboa: Edições Alfa, vol. 3, pp. 13-84.
- SHAW, Eric H.; TAMILIA, Robert D. (2001). *Robert Bartels and the History of Marketing Thought*. «Journal of Macromarketing». 21:2, 156-163.
- VALENTE, José Teixeira (2014). *Crónicas de um passado, presente! Alguns apontamentos para o estudo geral deste Concelho de Estarreja*. «Terras de Antuã – Histórias e Memórias do Concelho de Estarreja». Ano 8. 8, 139-156.